

PESSOANAMENTE: FICÇÕES ACERCA DA PESSOA DO PESSOA

André Boniatti¹

FERNANDO:

é como eu visse-me no espelho,
mas outra pessoa.
absolutamente outra.
e mais ninguém.

ALBERTO:

mas, meu amigo,

FERNANDO:

ninguém mais.
e então surgia da sombra
uns olhos de menina.
doce. delicada.
era absurdamente delicada.
mas não era ninguém.
ninguém.

ALBERTO:

mas, meu amigo,
não existem tais aberrações;
a não ser nos olhos de quem sonha.

FERNANDO:

pois então eu estava sonhando.
mas era como se me abrisse os olhos deus.

¹ André Boniatti é poeta, dramaturgo, escritor, professor. Mestrando no programa Stricto Sensu em Letras, Linguagem e Sociedade, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná/Brasil, bolsista da CAPES.

ALBERTO:

deus, ah!

deus, como aquelas conversas tolas e abandonadas ao mistério.

FERNANDO:

mas era o mistério.

então, aquele ser, como se eu pudesse entender,

me falou:

ALBERTO:

como ele era?

FERNANDO:

“fernando, segue-me.”

ALBERTO:

só isso?

FERNANDO:

não.

porque dentro de mim correram sombras e lágrimas;

lembranças doentes, mosteiros e

cavernas.

como se de mim surgisse ao mundo

um sofrimento maior

que a ruína:

de um lado, eu,

e do outro, a outra vida.

ALBERTO:

mas como ele era?

FERNANDO:

como tu.
mas mais eu.

ALBERTO:
creio que tenha sido tudo um sonho.

FERNANDO:
não. sonho não.

ALBERTO:
e como explica o corte?

FERNANDO:
vamos voltar do princípio:
como eu disse, não acho que minha mãe fosse alheia,
nem meu pai. mas eu era longe de mim.
enfurnava-me nos cantos da casa com um livro, ou um caderno,
jogava palavras como uma criança, sempre,
e ia e voltava da escola sozinho.
eu cresci muito sozinho,
e achava que era deus.

ALBERTO:
deus!

FERNANDO:
mas deus eu não era,
eu era como uma poeira.
menino, eu queria ser tanta coisa... e não consegui.
o tempo foi passando e creio que eu nunca mudei. fiquei sempre o mesmo.
só criei maior medo ainda de tudo
e não sabia lidar. daí encontrei a mais linda... pessoa...

ALBERTO:

apaixonou-se?

FERNANDO:

amei. amei não foi por moedas nem medidas,

foi por amor.

e o rosto dela era que estava lá.

ALBERTO:

sim. mas e então?

FERNANDO:

naquela noite, quando eram sete da noite, ouviu-se um tiro no quarto.

parecia ecoar o estouro por todo lado.

vinha de fora, de longe. não era comigo.

nada comigo.

mas eu me assombrantei.

ALBERTO:

assombrantou-se... belo isso...

FERNANDO:

me assoberbei, talvez, não sei.

o fato é que crescia em mim um temor, uma sorte maldada.

uma coisa ruim,

de penas, mas de pedra.

um soco.

ALBERTO:

também já me senti.

FERNANDO:

só que era mais que o simples sentir.

ALBERTO:

mas e então?

FERNANDO

uma cobra andava pelo meu teto. uma cobra grande. gorda.

pelo meu teto passeando. e eu observando

mudo.

não sabia o que dizer. ou seja,

o que fazer.

perdi absolutamente o tino.

ALBERTO:

vê-se que ainda está.

FERNANDO:

não voltei a quem eu era.

não voltei.

ALBERTO:

fernando, você tem falado com...

FERNANDO:

não. mas não era só isso.

quando vi aquele demônio coloquei-me a rezar.

não. não. não era reza o que eu fazia, era

dizer palavras, muitas pa-

lavras.

ALBERTO:

não precisava rezar. era só...

FERNANDO:

era a única coisa que me restava,
ou enlouquecia!
pois então, rezei: rezei sim! rezei teve momentos que
aos brados, embora silenciosos, dentro de mim,
sem proferir em voz alta nem um sussurro.
tinha medo de falar.

ALBERTO:
medo de quê?

FERNANDO:
de que alguém me escutasse.
de que alguém estivesse me escutando a vida toda.
eu tinha medo de tudo, naquele momento.
eu, parece que ouvia
até mesmo
deus.
pensa: deus.
eu via o seu rosto, ali, refletido no quarto.

ALBERTO:
fernando!

FERNANDO:
não, alberto,
não estou endoidecido.
não sei se a maçã do éden ou de newton me caía aos olhos!
mas tudo isso eu via quieto.

ALBERTO:
e o que mais?

FERNANDO:

no silêncio.

no silêncio, longe, eu a via.

— não ela, quem amo.

a morte.

ALBERTO:

capuz preto, ossada inderruível...?

FERNANDO:

não, alberto. não.

era muito mais terrível.

não mostrava o seu rosto.

vinha em minha direção

muda.

muda.

emudecidamente

cautelosa.

quando à minha porta...

ALBERTO:

poe.

FERNANDO:

sim. um som...

ALBERTO:

não. digo:

poe: edgar allan poe: isso me lembra o corvo

FERNANDO:

era bem como ele mesmo.

a mesma angústia.

agora me parece ainda mais real.

ALBERTO:

fernando: a vida não é um sonho.

FERNANDO:

é, alberto. ou talvez não. ou, quem sabe...

será que estou ficando louco?

ALBERTO:

é bem possível.

o problema não é a coerência da tua fala,
mas da tua vida.

a tua vida vivida, ela é que se conturba.

tua fala é bela. mas tua vida

não é sonho.

não é.

FERNANDO:

é.

ALBERTO:

e por que acha isso?

FERNANDO:

porque... acho que a prefiro assim.

a vida como sonho.

ALBERTO:

para ti, não se torna um pesadelo?

FERNANDO:

torna-se. é.

ALBERTO:

fernando, vamos embora da cidade.

FERNANDO:

não sei se saberia me afastar da minha loucura.

não é melhor ser aquilo que não se sabe

que ser aquilo que eu sou?

aliás, o quê, quem eu sou? o que eu sou? eu não sei nem como sou.

não entendo nada de mim.

eu tenho medo e, ao mesmo tempo, amor por mim.

eu tenho medo e amor por mim, a um tempo só.

não sei se avanço ou se fico.

não sei.

ALBERTO:

pois não passe a lugar algum.

apenas deixe-se parar, fernando.

FERNANDO:

eu não consigo.

ALBERTO:

venha para o campo.

venha para lá.

vamos descansar a cabeça.

FERNANDO:

não consigo acreditar no que você acredita, alberto!

tu és doido!

ALBERTO:

doido?

que será essa palavra? ou seja: o que ela quer dizer?

eu acho que sou, fernando.

quando vejo vocês, os homens,

eu penso que tem tanta coisa estranha na terra, tanta coisa sem explicação.

e para quê?

heim?

para quê?

ficam imaginando coisas desnecessárias para conturbar a vida

como se enfeitassem um pinheiro de natal constantemente

cheio de versos bíblicos terríveis... não sei...

não sei o que pensam.

ou melhor: pensam demais!

esqueçam!

merda!

FERNANDO:

claro.

mas e o que tu crês?

no vazio...?

ALBERTO:

não é.

mas as coisas para mim são mais simples.

são só realidade.

FERNANDO:

ora, alberto!

ALBERTO:

pra que tem que se assombrar com redemoinhos ocultos?

tudo está aqui, fernando. é só querer aceitar.
não tem sofrimento, é real.
não tem nem sequer lembrança.
deixe-se.

FERNANDO:

talvez. e então não haveria eu.

ALBERTO:

é claro que não.

não haveria. nem eu, nem o outro.
senão tudo. e nada.

FERNANDO:

é verdade.

ALBERTO:

é.

FERNANDO:

mas... nem existência.

ALBERTO:

depende. o que você crê que seja a existência?

pois é. talvez, só aquilo que você creia,
mais nada.

mas que importância tem você para o mundo? para o universo? para...
sei lá.

FERNANDO:

eu disse: tu és um doido, alberto.

ALBERTO:

doido!

...sim! “Minha loucura, outros que me a tomem
Com o que nela ia. Sem a loucura que é o homem
Mais que a besta sadia,
Cadáver adiado que procria?”

é. se assim é. talvez.
mas... por que a ferida?

FERNANDO:

sim, a ferida.
como que, naquela noite, alguém parasse à frente da minha porta.
frio. muito frio. batesse
e eu tivesse, por fim, que atender.
mas não era ninguém.

ALBERTO:

não houve briga, não houve nada?

FERNANDO:

não.

ALBERTO:

bem, está congênito agora.

FERNANDO:

sim. se for esta a congenitura...
se for este o final.

ALBERTO:

é verdade.

é verdade.

a congenitura.

o final.

saber que você não existe.

FERNANDO:

sim. saber que tu não te sabes.

ALBERTO:

mas... que você não existe...?

quão duro horror isso: saber que você não existe.

FERNANDO:

então... depois, eu, alarmado, peguei a faca.

pensei que deveria haver alguém ali. deveria haver.

um bandido sujo.

um ladrão.

não sei o que pretendia esse ser.

gritei: “apareça!

o que quer?”

nada.

e então era o rosto dela. ela. a pessoa

mais delicada. a pessoa perfeita.

não sei se imagem ou deslumbre.

lá na sombra. e não

vinha aqui.

olhei ao redor, todo lado. não havia mais nada. nada mais.

ergui a faca em direção ao peito e

cravei no estômago,

no estômago. por isso a ferida.

queria cortar-me o prazer e o desprazer.
e foi assim. foi isso que aconteceu
naquela noite, alberto.
foi assim.

FIM